

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA PERSPECTIVA RELACIONAL E CRIATIVA DA RELIGIÃO

THIAGO SCHELLIN DE MATTOS¹; FRANCISCO LUIZ PEREIRA DA SILVA NETO²

¹Universidade Federal de Pelotas – tsdemattos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – francisco.fpNeto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto esboça uma tentativa antropológicamente orientada de abordar o tema da religião sob a ótica da teoria simbólica de Wagner (2010). É o resultado preliminar de uma discussão iniciada em minha dissertação de mestrado (MATTOS, 2017), sendo desenvolvida na relação com o campo de pesquisa, onde trabalhei com a experiência religiosa pentecostal no contexto de periferia urbana, considerando a criação simbólica dos grupos religiosos, inseridos numa relação dialética entre o urbano e o religioso.

O exercício teórico que proponho, por tanto, tem a ver com um desejo exploratório, referente ao tema da religião, que aponte para o reconhecimento da potência criativa dos fenômenos religiosos em suas associações com variados contextos simbólicos. Deste modo, ficará evidente no curso deste resumo, pelo menos duas questões importantes: o aspecto *relacional* e *criativo* da religião sob um ponto de vista fundamental – a sua motivação simbólica. Ambas características situam o estudo da religião no domínio de suas relações externas, priorizando os processos de transformação cultural e expansão simbólica na experiência dialógica entre os contextos simbólicos.

2. METODOLOGIA

A reflexão metodológica para abordar a religião de um ponto de vista relacional e criativo foi sendo construída junto com a experiência de campo, inspirada nos fundamentos do método etnográfico lançados por Malinowski (1986) e da observação participante em contexto urbano realizada de modo exemplar por Foote-Whyte (2005). A partir da orientação do método etnográfico de Malinowski, onde o campo torna-se um fator determinante para a desconstrução e reelaboração teórica do pesquisador (MALINOWSKI, 1986, p. 32), concebi teoria e empiria num processo unificado, permitindo-me conduzir metodologicamente a partir do campo.

Sendo assim, a observação do pentecostalismo na periferia urbana de Pelotas/RS, trouxe à tona algumas práticas e discursos que privilegiaram a perspectiva teórica assumida, como os modos específicos de articulação com o contexto urbano-periférico, a partir de um movimento criativo e extensivo de apropriação e reapropriação do espaço numa dinâmica de produção e reprodução da experiência religiosa na periferia.

Outro recurso metodológico importante, de um ponto de vista bastante prático, foi considerar a perspectiva situacional (GLUCKMAN, 1987) como postura necessária no tratamento de fenômenos culturais envolvidos numa complexidade crescente das realidades locais (AGIER, 2001). Desta forma, escolhi a situação social da fundação e formação de uma comunidade pentecostal como ponto de

partida para o reconhecimento de um conjunto de relações constituintes da experiência religiosa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grande parte da reflexão sobre o pentecostalismo no Brasil está amarrada a pressupostos clássicos da teoria sociológica moderna, tanto à funcionalista, quanto à marxista e weberiana, evidenciando muito claramente os contornos ideológicos que cerceiam as preocupações intelectuais dos pesquisadores¹. Elas estabelecem uma certa teleologia da modernidade, na qual o protestantismo, à moda weberiana, é um dos principais fatores para o seu desenvolvimento. Assim, o pentecostalismo é encarado no interior de uma lógica que o articula como fator que, ora promove a modernização da sociedade, ora não, num paralelismo estreito com os efeitos do protestantismo ascético na Europa (WEBER, 2001).

Outra abordagem consagrada sobre o pentecostalismo busca empreender uma sociologia histórica do fenômeno (FREESTON, 1994), mantendo a tendência estrutural de conceber os estudos sobre religião dentro de uma lógica arborescente (DELEUZE e GUATTARI, 1995) geradora de genealogias e taxonomias demasiadamente enrijecedoras das análises das práticas e discursos religiosos.

Em meu trabalho de pesquisa procurei realizar um deslocamento do olhar que me proporcionasse uma perspectiva distinta das tendências já tradicionalmente demarcadas (bem como de suas variações) abrindo-me para os processos de subjetivação e objetivação realizados pelos atores religiosos no âmbito de suas práticas e discursos. Seguindo a tendência antropológica de crítica aos modelos explicativos externos que situam o pentecostalismo como produto de processos macroestruturais, estabeleci também uma diferenciação com a “teoria da escolha racional”, um paradigma emergente (FRIGERIO, 2008) que foca na investigação da oferta religiosa e nos graus de regulação estatal da religião que interferem no nível de pluralismo religioso.

A questão do pluralismo religioso surge como um dado empírico indiscutível em contextos de pesquisa semelhantes (BARRERA RIVEIRA, 2010). Procurei, no entanto, fazer uma leitura distinta da metáfora econômica, que prioriza os interesses da produção, consumo e monopólio dos bens religiosos (BOURDIEU, 2007). Ao invés de entender o pluralismo religioso como uma “situação de mercado” (BERGER, 1985. p. 149) resultante de um processo de secularização, pretendi compreendê-la como resultado de uma dinâmica pautada pela multiplicidade (DELEUZE e GUATTARI, 1995), evidência da complexa produção de sentido que mobiliza o fenômeno religioso num devir de constantes transformações. Assim, objetivei construir um entendimento sobre o pentecostalismo que enfatizasse o seu valor e as suas relações, não enquanto produto de consumo, mas como fenômeno criativo, que encontra nas contingências sociais e culturais, fatores de potência para a invenção e reinvenção de suas práticas e discursos.

“A invenção da cultura” (WAGNER, 2010) situa os fenômenos culturais dentro de processos simbólicos tensionados entre dois modos de simbolização (convencional e diferenciante) que colocam em movimento o jogo dialético da invenção e reinvenção da cultura. Nesse sentido a cultura é estendida e reinventada a partir da associação entre os contextos simbólicos. Aqui notamos a

¹ Um exemplo disso pode ser visto no “Racismo científico” identificado por Jessé Souza como um elemento constituinte da sociologia moderna (SOUZA, 1994).

sua característica relacional e exterior que perpetua uma produção de sentido mediante o contraste das relações (dialética da invenção x contrainvenção). Já o viés criativo subentende-se de todo o processo simbólico, que é sempre extensivo, mobilizando a capacidade de associação e criação de sentidos pelos sujeitos.

Meu interesse na dinâmica da dialética cultural de Wagner, tem a ver com a possibilidade de apreender os contextos simbólicos da religião em suas dinâmicas relacionais e criativas de produção de sentido. No caso de minha pesquisa com o pentecostalismo na periferia, procurei realizar isso através de uma dialética entre o religioso e o urbano, e os desdobramentos dessa relação fundamental – religião e cidade; pentecostalismo e periferia; fé e habitar... Deste modo, tencionei ressaltar o aspecto estético e ético do fazer religioso numa aproximação com a metáfora artística. Religião é obra² de arte, obra poética. Deixa-se de lado aqui o seu valor de mercadoria, pois se está interessado no seu valor enquanto experiência dotada de potência para a produção do novo. Religião é, sobretudo, uma expressão da criatividade humana, antes mesmo de se tornar um produto de mercado.

4. CONCLUSÕES

Com o esforço reflexivo dispensado até aqui, resultado do contato com os autores e com o campo empírico, acredito ter lançado algumas bases epistemológicas e metodológicas razoáveis para a construção de um saber antropológico acerca da religião, destoando em certa medida, de algumas tendências já bem usuais no campo de estudos em questão.

Com isso, acredito também vislumbrar a superação dos contrangimentos muitas vezes aferidos no interior de discussões acadêmicas sobre o teor simbólico cristão da categoria “religião” e as respectivas relações de poder a que ela remete. A religião como invenção cultural se tornaria apenas um termo mediador, passível de todas as críticas necessárias para viabilizá-la como ferramenta na “escora” do entendimento; uma “muleta” para a invenção, assim como o termo “cultura” (WAGNER, 2010, p. 36).

² Há nessa ideia semelhança com aquilo que o projeto revolucionário de Lefebvre propõe para a cidade quando fala do urbano – a cidade enquanto obra, contraposta a cidade industrial (LEFEBVRE, 2008). A potencialidade virtual implicada em ambas é parecida

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **MANA** 7(2):7-33, 2001.

BARRERA RIVERA, P. Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**. março / 2010 / pp. 50-76.

BERGER, P. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. V. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FOOTE WHITE, W. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. **Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRIGERIO, A. O paradigma da escolha racional: Mercado regulado e pluralismo religioso. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 2, 2008.

GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, E. **Malinowski: antropologia**. São Paulo: Ática, 1986.

MATTOS, T. S. de. **Pentecostalismo e periferia: uma etnografia sobre religião e criação simbólica em espaços periféricos de Pelotas/RS**. 2017. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas.

WAGNER, R. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.